

Sexualidade e Sexuação

Rosane Mendonça

Psicanalista Membro fundador de Trieb Espaço de Psicanálise

A sexualidade humana é uma construção psíquica complexa. Não advém da anatomia, mas é estruturada pela linguagem, pelo simbólico e pelo discurso que provém do Outro, dos significantes, “os homens, as mulheres e as crianças, não são mais do que significantes” (LACAN 1972-73. P. 46) nos diz Lacan. É a partir dos significantes que os sujeitos se tornam sexuados. Esse significante não é um significante qualquer, mas o falo, que atua no complexo de castração freudiano cujo papel Lacan define no texto *A significação do falo*, como sendo o de possibilitar “a instalação no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada” (LACAN, 1998, P. 692). É somente a partir da travessia edípica, com todos os seus impasses, que o sujeito se torna um sujeito sexuado, identificando-se por consequência com um dos sexos.

A questão da sexualidade feminina foi um enigma para Freud até o final de sua vida e ainda continua. Ele não conseguiu definir a mulher - como se fosse possível!!!. Freud conseguiu definir a histeria? Para ele, tudo que se referia à sexualidade feminina era misterioso, obscuro, continente negro. Freud conclui nos seus últimos textos escritos a respeito da Sexualidade feminina e a Feminilidade que “de acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir – mas se empenha em indagar como é que uma mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual” (FREUD, 1996. P. 117).

Nesse sentido, o Édipo feminino era um correspondente simétrico do Édipo masculino. Além disso, para Freud, “não há um primado genital, mas um primado do falo” (FREUD, 1923. P. 158), ou seja, na fase fálica, no inconsciente, a oposição não se dá entre masculino e feminino, entre homem e mulher, mas entre fálico e não fálico (castrado).

Porém, se o Édipo masculino dá conta de explicar como o menino se transformará no futuro homem, o mesmo não acontece com o Édipo feminino. Se é o temor da castração que faz com que o menino renuncie ao objeto incestuoso, se dirija ao pai enquanto identificação e saia do Édipo, como se daria para a menina essa saída, já que é o reconhecimento da castração, que para ela não é uma ameaça, mas uma privação real a sua condição de entrada na situação edípica?

A menina para se transformar numa mulher segundo Freud, precisa percorrer um longo caminho. Deve se afastar da mãe, dirigir-se ao pai e depois de alguma maneira se identificar com essa mãe, com o feminino. Nesse processo ele elenca três caminhos possíveis que a menina poderia seguir diante da descoberta da castração materna e da consequente inveja do pênis, na sua constituição enquanto futura mulher.

O primeiro caminho leva a inibição sexual ou a neurose, ou seja, à histeria. O segundo caminho levaria a um intenso complexo de masculinidade, e só finalmente o terceiro caminho que Freud denomina de “feminilidade normal”, seria aquele em que levaria a menina a se transformar numa mulher (FREUD, 1931). Esse caminho envolve um processo em que a menina se afastaria da mãe por vê-la castrada e se voltaria para seu pai na busca de satisfazer seu desejo original de possuir o pênis que a mãe não pôde lhe dar, sendo agora esta demanda dirigida ao pai. Porém a situação feminina só se encerra se esse desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê de outro homem que não o pai. Ou seja, para Freud a mulher para se tornar uma mulher teria que ser mãe. E se a mulher não chega a ter filhos, como seria pensar a feminilidade a partir da teria freudiana? É possível se pensar outra coisa?

A solução proposta por Freud para as mulheres parece não ter sido outra senão a elaborada na vertente do ter o falo, enquanto filho e na posição de mãe. Porém cabe lembrar aqui que Lacan não dispensa a construção de Freud a respeito do falo ser o único significante operador da sexualidade para homens e mulheres. No *Seminário 5: As Formações do Inconsciente*, ele adverte que a saída do Édipo para a menina deve se dar ainda pela via do significante fálico. Isto quer dizer que para Lacan: “Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem”

(LACAN 1957-58. P. 202). Ainda nesse mesmo seminário Lacan diz que o falo é o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem ou da mulher.

Nessa mesma linha de raciocínio Lacan demarca uma diferença em relação a Freud, uma vez que não aplica inteiramente o conceito de castração ao sexo feminino, dado que toda a sua teoria é construída sobre uma concepção da castração como simbólica, ou seja, não caberia falar da castração de um órgão. Quando Lacan fala das operações da falta, das relações de objeto é antes, da privação de que se trata, visto que nela o objeto do qual o sujeito é privado é um objeto simbólico. Ou seja, a mulher é privada no simbólico de um significante que definiria o seu sexo, aquele que seria o suporte da feminilidade.

Para tentar compreender um pouco mais a respeito da sexualidade feminina, Jacques Lacan, em seu *Seminário 20: Mais, ainda*, estabelece um novo paradigma frente às questões relacionadas à sexualidade humana. Ele parte da argumentação de que tanto a identidade quanto a partilha sexual nos seres humanos se dão a partir da função fálica, uma vez que os homens e as mulheres habitam a linguagem e são constituídos por ela.

Neste seminário Lacan desenvolve o conceito de sexuação, utilizando-se de fórmulas que ele chamou de fórmulas quânticas da sexuação que descrevem de uma maneira totalmente singular as diferenças entre a sexualidade masculina e a feminina, possibilitando dessa forma superar o falicismo freudiano.

As fórmulas da sexuação são conceitos teóricos que descrevem a relação simbólica entre os sexos e a forma como o desejo e o gozo se organizam na estrutura psíquica. Para Lacan a diferença de posição ou de identificação sexual se institui no ser falante a partir da maneira pela qual cada um, homem e mulher, se inserem como sujeitos em uma das posições de sexuação, sendo que “quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro” (LACAN, 1972-73/1985, p. 107). Lacan frisa o tempo todo que a relação com a função fálica é o que define para ele a divisão dos seres sexuados em dois campos. Vamos então ao quadro da sexuação e suas respectivas fórmulas.

$\exists x \quad \overline{\Phi x}$ $\forall x \quad \Phi x$	$\overline{\exists x} \quad \overline{\Phi x}$ $\overline{\forall x} \quad \Phi x$

Fórmulas Quânticas da sexuação

Fonte: Lacan Seminário 20, Mais Ainda, 1985, p. 105.

Lacan recorre às quatro proposições lógicas aristotélicas – universal afirmativa, universal negativa, particular afirmativa e particular negativa – e utiliza as suas relações lógicas para servirem de base para escrever as inscrições sexuais. Do lado esquerdo se inscreve o homem, o portador do falo e do lado direito se inscreve a mulher, o Outro sexo, a que não porta o falo. O que prevalece nestas fórmulas é a premissa fálica enquanto uma função, a função fálica. Importante ressaltar que aqui nesta articulação simbólica de Lacan, não se trata de mulheres e homens tal como descritos pela norma social no registro civil ou pelo corpo biológico e sim, de posições de gozo, que implicam que muitas vezes estejam em desacordo com a própria anatomia.

Na linha superior do quadro encontram-se os quantificadores existenciais e na linha inferior estão os quantificadores universais.

Primeiro à esquerda, lado homem o $\exists x \quad \overline{\Phi x}$ (existe x não phi de x) que significa que “existe ao menos Um que não está submetido à norma fálica”. Lacan reconhece nesse UM o Pai mítico da Horda primitiva, que Freud descreve em Totem e tabu. Esse Pai, líder da horda primitiva, teria livre acesso a todas as mulheres do bando, sem nenhuma lei que lhe proibisse ter relações sexuais com elas. Por ser o líder, ele impedia o acesso dos outros machos às mulheres. Por fim, estes machos assassinam o macho dominante, o que promove a passagem do estado da natureza para o da cultura. A análise do mito mostrará que a partir do assassinato se propicia o processo da passagem da horda ao Estado pré civilizado dos clãs, devido à instauração da primeira lei: a lei da proibição do incesto.

A todos os homens, passa a ser proibido ter relações sexuais com suas mães e parentas consanguíneas. Após a introdução desta Lei, o líder assassinado passa à categoria de pai, o pai morto, o pai simbólico, representado pelo Toten. Por consequência, todos os outros homens, denominados de filhos, passaram a ser submetidos à lei da proibição do incesto.

Ainda na linha inferior no lado homem o $\forall x \phi x$ (todo x phi de x), que significa “para todo x a função fálica se aplica ao x”. Aqui a castração se aplica a todos os homens justamente porque existe a exceção daquele que não está submetido à norma fálica, o pai da horda. Desse modo os homens que são todos castrados podem constituir uma classe, um conjunto fechado, cujas fronteiras são delimitadas pelo falo. Todos os homens são fálicos. Por isso é possível usar o artigo definido “o” homem.

No lado direito, lado mulher o $\overline{\exists x} \phi x$ (não existe x não phi de x) que significa que “não existe nenhum que não esteja submetido à norma fálica”. Não existe o *ao-menos-um*, um elemento que faça exceção, que não esteja submetido à castração como ocorre com o lado do homem.

E logo abaixo por consequência, se encontra o $\overline{\forall x} \phi x$ (não-todo x phi de x), que significa que “para não-todo x a função fálica se aplica ao x”. Aqui a função fálica se aplica à mulher, mas de forma não-toda. Como neste lado do quadro não existe o Um da exceção não existe também a regra universal que inclua todas as mulheres, não é possível se falar em conjunto, em classe de mulheres. Em consequência disso, Lacan formula uma de suas enigmáticas frases: ‘A mulher não existe’.

Quando escrevo $\overline{\forall x} \phi x$ esta função inédita na qual a negação cai sobre o quantificador a ser lido não-todo, isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto o que define a... a o quê? – a mulher justamente, só que A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A [~~A~~]. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher, pois (...) por sua essência ela não é toda. (LACAN, 1972/73, p. 98).

Portanto, não se pode dizer A mulher, com o artigo definido, mas somente *uma* mulher porque não existe um traço especificamente feminino. Um traço unário do feminino que se inscreva no inconsciente podendo fazer uma unidade como com os homens. Por ser um conjunto aberto, sem fronteiras, onde os elementos se definem como não-todos ante a função fálica, não há como definir

as mulheres, não há como coletivizá-las. Isto explicaria porque desde seus primórdios, as sociedades as estigmatizaram ou nomearam como mães, santas, bruxas, histéricas, loucas, simuladoras, possuídas, putas, etc.? Seria então essa maneira de nomear o enigma do feminino?

Na parte inferior do quadro encontram-se diversos elementos, cada qual tendo um significado próprio. No lado homem existe o \$ e o ϕ . O \$ é o sujeito dividido, o sujeito do inconsciente, constituído através da operação do Nome-do-pai, da castração. Em baixo do \$ está o ϕ , demonstrando que o homem se sustenta na função fálica, no significante. O que determina o lado masculino é o falo.

Desse homem parte uma flecha em direção ao lado mulher, especificamente ao objeto *a*. Lacan diz que “esse \$ só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto *a* inscrito do outro lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo” (LACAN, 1972-73, P. 100). O objeto causa do desejo é sempre parcial, por isso o homem não aborda toda a mulher, mas o recorte imaginário do objeto que ele traça no corpo dela. Além disso, “O gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (LACAN 1972-73, P. 15). Lacan indica que a conjunção desses dois símbolos é a fantasia - $\$ \rightarrow a$.

No lado mulher encontram-se o $\bar{A}$ (A barrado) o pequeno *a* (objeto causa de desejo) e o $S(\bar{A})$ significante da falta no Outro. O $\bar{A}$ designa a mulher não-toda, pois não é possível se referir a mulher enquanto uma totalidade. E justamente em função disso Lacan adverte que “Esse $\bar{A}$ não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher. A mulher tem relação com o $S(\bar{A})$, e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois por outro lado, ela pode ter relação com o ϕ ” (LACAN, 1972-73, P. 109). Esse falo ao qual a mulher lança uma flecha pode ser entendido como uma tentativa de atingir uma certa consistência de existência, um endereçamento ao que é próprio do falo enquanto significante que possibilita que essa mulher consiga de alguma forma construir um tornar-se mulher referido à alguma inscrição fálica possível, uma entrada na linguagem, uma organização significativa, uma marcação se significante mestre.

Essa ligação com o falo faz com que ela também esteja em parte submetida à lógica fálica, a ordem simbólica, pois ela também habita a linguagem, ela fala, tem um nome, uma filiação, um inconsciente, sendo sujeito castrado de desejo igual ao homem. Lacan diz: “não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda. Mas há algo a mais” (LACAN, 1972-73, P. 100).

Vamos compreender essa frase melhor. Ao afirmar que “não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo”, Lacan está nos dizendo que há uma parte da mulher que está submetida à função fálica, estando esta toda submetida à Lei. E, na sequência, ao acrescentar “mas há algo mais” ele está falando de uma parte da mulher que não está submetida à função fálica. Conclui-se que a mulher tem uma parte inscrita no Simbólico e outra que não e que estaria, portanto, no Real. “A título do que se situa pelo discurso, pois, se o que aqui coloco é verdadeiro, isto é, que a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso.” (LACAN, 1972-73. P. 46).

A partir dessas definições de posição do homem e da mulher, Lacan não tenta responder a pergunta inicial do que seria uma mulher, ou o que quer uma mulher, mas evidencia o modo como cada mulher estaria relacionada ao gozo. Lacan diz que o gozo do homem está delimitado pela função fálica tendo por isso um gozo limitado, o gozo fálico. A mulher por também estar submetida à função fálica como o homem, porém de maneira não-toda, também tem acesso a esse gozo fálico.

Lacan fala que há um gozo fálico e há outro gozo, próprio do feminino: “Há um gozo, já que nos atemos ao gozo, gozo do corpo, que é, se posso me exprimir assim, (...) para além do Falo.” (LACAN, 1972-73, p. 100). 48 Esse gozo que está para além do gozo fálico é um gozo do qual as mulheres não sabem nada, elas não falam uma palavra sobre ele. Não se fala nada sobre ele porque escapa à simbolização, constituindo um gozo que se encontra no Real e, portanto, fora da linguagem.

Ele diz: “Há um gozo dela, desse ela que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas” (LACAN, 1972-73, P. 100).

Através das fórmulas do lado feminino, Lacan faz duas afirmações: a primeira, de que não existe uma mulher que escape à castração e, a segunda, que mesmo não escapando, a mulher é não-toda submetida à ela. A não exceção implica na não universalidade do lado da mulher e foi assim que Lacan criou uma forma para expressar que este conjunto universal é impossível através da seguinte afirmativa: “A mulher não existe”.

Como compreender esse posicionamento de Lacan a respeito de um gozo feminino do qual as mulheres não saberiam expressar em palavras?

Existiria algo a mais aí nessa posição feminina que nem a própria mulher saberia identificar a não ser que ela própria pudesse experimentar? E o que seria então esse *Mais ainda* que Lacan nomeia como Gozo Outro?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade, 1923. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. Sexualidade Feminina, 1931. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. Conferência XXXIII: FEMINILIDADE, 1933. In: Conferências introdutórias sobre psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

LACAN, J. (1951). *Intervenção sobre a transferência*. In: Escritos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1958). *A significação do falo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1972-73). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, J. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

